

**21ª BIENAL  
DE ARTE  
CONTEMPORÂNEA  
SESC\_VIDEOBRASIL  
9.10.2019—2.2.2020**

**COMUNIDADES  
IMAGINADAS**



direção artística  
**SOLANGE O. FARKAS**

curadores  
**GABRIEL BOGOSSIAN  
LUISA DUARTE  
MIGUEL A. LÓPEZ**

**4**

**ARTISTAS E OBRAS**

EXPOSIÇÃO — 5

COLEÇÕES — 16

PROGRAMAS DE VÍDEO — 17

PERFORMANCES E AÇÕES — 21

**24**

**PROGRAMAS PÚBLICOS**

ENCONTROS E VISITAS — 25

SEMINÁRIOS — 27

**34**

**EDUCATIVO**

**35**

**PESQUISA E CONSULTA**

**36**

**AGENDA**

1º subsolo, Teatro

SEMINÁRIOS

PROGRAMAS DE VÍDEO

PERFORMANCES

3º andar, Varanda e Convivência

AÇÕES E PERFORMANCES

5º andar, Exposição

AÇÕES E PERFORMANCES

VISITAS MEDIADAS

6º andar, Auditório e Educativo

PROGRAMAS DE VÍDEO

SEMINÁRIOS

ENCONTROS COM ARTISTAS

PESQUISA E CONSULTA

EDUCATIVO

**O ensaio *Comunidades imaginadas*, do historiador norte-americano Benedict Anderson, inspira a 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc\_Videobrasil, dedicada a experiências artísticas que concebem e aprofundam laços comunitários para o momento presente, relacionados a identidade, afeto e afinidade. Do 5º andar do Sesc 24 de Maio, onde está concentrada a maior parte das obras dos 55 artistas selecionados, espalha-se por outros espaços, oferecendo ao público uma programação que inclui programas de vídeo, performances, ativações, encontros com artistas, visitas mediadas, seminários e ações educativas.**

# ARTISTAS E OBRAS

As obras reunidas pela 21ª Bienal atestam as formas muito diversas como a ideia de comunidades imaginadas se manifesta e se exercita nas produções artísticas do Sul global. Composta a partir de um edital aberto, a seleção desta edição é marcada pela presença de artistas de povos originários e indígenas de diferentes países, assim como de uma série de trabalhos de grupos de ativismo político e movimentos sociais.

4

Entre muitos aspectos da experiência contemporânea, os trabalhos exploram o poder dos objetos de evocar a história; os conflitos entre passado e futuro que dão forma ao presente; e a luta pela posse e o uso da terra, que está na base de tantas experiências sociais no âmbito do Sul global. Algumas obras reverberam diretamente o presente e seus conflitos, como aquelas que relatam experiências de deslocamento ou exílio.

Além das instalações, vídeos, pinturas, fotografias e obras de outras naturezas reunidas no espaço do 5º andar, a Bienal é composta por cinco programas de vídeo (que serão exibidos em horários regulares no Auditório do 6º andar) e por uma série de performances, ativações e ações envolvendo o público; entre elas, um serviço de apoio jurídico à população trans e oficinas de conscientização política exploram o rico espaço intermediário entre a arte e outras formas de agir sobre o mundo.

Duas coleções preciosas complementam o conjunto de obras da 21ª Bienal: uma seleção de joias africanas em metal da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e uma série de capas de *O Snob*, jornal caseiro que circulou entre 1963 e 1969 no Rio de Janeiro e foi um dos precursores da imprensa LGBT no Brasil. Joias e publicações, evocando aqueles que as usaram ou leram, permitem vislumbrar as variadas formas que assume nossa imaginação comunitária.

# EXPOSIÇÃO

## ADRIÁN BALSECA

Quito, Equador, 1989. Vive em Quito.

**THE SKIN OF LABOR, 2016** — instalação. Um aparato de projeção roda um filme em 16 mm com imagens de um seringal na Amazônia equatoriana; fotografias e uma luva evocam a exploração humana da natureza e o impacto da tecnificação do trabalho. Tomando a extração da borracha como fio condutor, o trabalho sublinha a lacuna entre a ideia de uma Amazônia idílica e a prática sistemática de conquista de seu território para fins de dominação política e econômica.

## ALTO AMAZONAS AUDIOVISUAL

**ABOUT CAMERAS, SPIRITS AND OCCUPATIONS: A MONTAGE-ESSAY TRIPTYCH, 2018** — videoinstalação em três canais (*The Matis Ancestral Spirit of Madiwin and the Corn Party, 11'*, *Healthy Politics for Who?, 17'*, *Starring a Reflexive Camera, 8'*). Dividido em três curtas, o documentário não quer somente denunciar situações opressivas ou oferecer vislumbres exóticos. Entrelaçando-se, os filmes criam complementaridades e paralelismos sutis. Estariam antropólogos e cineastas, por exemplo, tentando afetar corpos e transformar seu estado de espírito, como fazem curandeiros e pajés?

5

## ANA CARVALHO<sup>1</sup>, ARIEL KUARAY ORTEGA<sup>2</sup>, FERNANDO ANCIL<sup>3</sup>, PATRÍCIA PARA YXAPY<sup>4</sup>

[1] São Paulo, Brasil 1977. Vive em Paudalho-PE, Brasil; [2] 25 de Mayo, Argentina, 1985. Vive em São Miguel das Missões-RS, Brasil; [3] São João del-Rei-MG, Brasil, 1980. Vive em Paudalho-PE, Brasil; [4] 25 de Mayo, Argentina, 1985. Vive em São Miguel das Missões-RS, Brasil.

**JEGUATÁ – CADERNO DE VIAGEM, 2018**  instalação composta por três vídeos (17', 20', 17'). Resultado de um processo de criação junto aos guarani mbyá do sul do Brasil, reúne imagens, falas e objetos recolhidos no percurso de Koenju, em São Miguel das Missões, a Pindó Poty, na Argentina. Como guia, a ideia de *jeguatá*, o deslocamento contínuo desse povo entre as fronteiras do Brasil, Argentina e Paraguai, em busca de lugares para viver bem.

## ANDRÉ GRIFFO

Barra Mansa-RJ, Brasil 1979. Vive no Rio de Janeiro, Brasil.

**PERCORRER TEMPOS E VER AS MESMAS COISAS, 2017** — pintura. Personagens revelados na pesquisa de fotografias, pinturas, desenhos e arquitetura dos períodos colonial e imperial brasileiros – o patriarca, a esposa, o escravo, o bastardo, os representantes da igreja, os políticos – são referência

para narrativas que expõem a estrutura social do passado, as desigualdades do presente e o estado de coisas imutável no país.

**UMA COR PARA CADA ERRO COMETIDO, 2017** — pintura. Da série *Per correr tempos e ver as mesmas coisas*, a obra explora o imaginário de uma Casa-Grande decadente, mas duradoura, comentando a resiliência de estruturas sociais que sobrevivem à evolução histórica.

**O GOLPE, A PRISÃO E OUTRAS MANOBRAS INCOMPATÍVEIS COM A DEMOCRACIA, 2018** — pintura. O quadro figura o ex-presidente Lula discursando antes de sua prisão (2018) no pátio do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, São Bernardo do Campo (SP), lugar emblemático da luta pela democracia brasileira no final do regime militar. Enquadrada por um televisor, a pintura evidencia as mediações entre público e acontecimento político, mobilizando um gênero histórico em tempo de *fake news*, conflitos narrativos e disputa por hegemonia entre mídias sociais e tradicionais.

## ANDREA TONACCI

Roma, Itália, 1944 – São Paulo, Brasil, 2016.

**STRUGGLE TO BE HEARD: VOICES OF INDIGENOUS ACTIVISTS, 1979-1980** — instalação composta por cinco vídeos. Em 1979 e 1980, com bolsa da Fundação Guggenheim, Tonacci percorreu Estados Unidos, Canadá, México, Peru, Guatemala e Brasil entrevistando lideranças indígenas. A ideia era levar, de um povo a outro, depoimentos e imagens que contribuíssem para a percepção da violação física, cultural e territorial sofrida por todos. O material, recuperado e digitalizado em 2014, testemunha um aprendizado que se dá na escuta e na espera.

## BRETT GRAHAM

Otahuhu, Nova Zelândia, 1967. Vive em Auckland, Nova Zelândia.

**MONUMENT TO THE PROPERTY OF PEACE, MONUMENT TO THE PROPERTY OF EVIL, 2017** **A** instalação. A obra remete a Pai Mārire, movimento que sincretiza a religião tradicional maori e o cristianismo surgido na Nova Zelândia no final do século 19, com papel importante na resistência dos povos nativos ao invasor europeu. As torres remetem aos totens da religião Pai Mārire e a outras formas de monumento à ocupação.

## CHAMECKILERNER

ROSANE CHAMECKI — Curitiba, Brasil, 1964. ANDREA LERNER — Curitiba, Brasil, 1966.

Vivem em Nova York, EUA.

**#RESISTA, 2018** **A** peça sonora, performance. Uma voz descreve em detalhes uma coreografia, sugerindo um evento com pessoas de todos os gêneros. Integra o trabalho uma performance em que corpos movimentam o assoalho pélvico como se fosse um lápis que escrevesse a palavra “RESISTA”.

(ver também: performances e ações)

## CLARA IANNI

São Paulo, Brasil, 1987. Vive em São Paulo.

**DO FIGURATIVISMO AO ABSTRACIONISMO, 2017** **A** vídeo, 6'14". Uma investigação da dinâmica entre a institucionalização da arte moderna brasileira e o passado colonial. Nas imagens de obras da exposição inaugural do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1949), a artista revisita o papel do abstracionismo como veículo de disputas ideológicas na guerra fria; com cartas ao MAM e relatórios de espionagem sobre a América Latina escritos por Nelson Rockefeller, examina o uso da modernização como mecanismo de perpetuação de relações de subordinação e dependência.

## CLAUDIA MARTÍNEZ GARAY

Ayacucho, Peru, 1983. Vive em Amsterdã, Países Baixos.

**ÑUQA KAUSAKUSAQ QHEPAYKITAPAS / I WILL OUTLIVE YOU, 2017** **A** vídeo, 15'17". Em quéchua,, uma das línguas nativas faladas hoje no Peru, o título da obra significa *eu sobreviverei a você*. A civilização moche viveu naquele território da Antiguidade ao século 7. Partindo da crença moche na vida após a morte, a artista cria uma história para uma figura humana que encontra em um artefato dessa cultura exposto no Museu Etnológico de Berlim, do nascimento ao encarceramento simbólico na instituição. **¡KACHKANIRAQKUN! / ¡SOMOS AÚN! / ¡WE ARE, STILL!, 2018** — instalação. Relacionada ao vídeo de Garay, a obra é composta por elementos em cerâmica que parecem se encontrar num limbo, suspensas no tempo.

## DANA AWARTANI

Jidá, Arábia Saudita, 1987. Vive em Jidá.

**I WENT AWAY AND FORGOT YOU. A WHILE AGO I REMEMBERED. I REMEMBERED I'D FORGOTTEN YOU. I WAS DREAMING, 2017** — instalação, vídeo, 22'. No espaço, Awartani constrói um piso geométrico com areia colorida. No vídeo, varre, até que desapareça, um piso similar em uma casa de estilo Hejazi, comum em Jidá, antes da ocidentalização. Opondo tempo e contemplação, a artista produz uma potente confluência entre a mística islâmica e as questões da arte contemporânea ocidental.

## EMO DE MEDEIROS

Paris, França, 1979. Vive entre Cotonou, Benim, e Paris.

**CHROMATICS MOVEMENT I E MOVEMENT II, 2017-2019** — instalação, vídeo (loop). Um *software* combina aleatoriamente substantivos comuns no idioma inglês e gera milhares de pares de palavras. Adicionando-se “preto” e “branco”, surgem 80 mil parágrafos randômicos. Com um dispositivo quase lúdico, o artista evidencia os mecanismos de racialização subjacentes à lógica dos algoritmos que mediam relações sociais no universo digital e os *apartheids* produzidos pela naturalização da linguagem.

## ERIN COATES

Albany, Austrália, 1977. Vive em Perth, Austrália.

**DRIVING TO THE ENDS OF THE EARTH, 2016** — vídeo, 11'22". A artista e seu cão fazem uma longa viagem de carro. Ao volante, ela mastiga linguças, rega as plantas do banco traseiro, compõe mensagens de texto e acaricia o vira-lata, que observa com interesse seus rituais de sobrevivência e entretenimento. Ambos parecem ignorar a sucessão de cenários catastróficos que passam pelos vidros. Com efeitos sonoros que elevam mastigações e cocceiras ao volume dos incêndios e meteoros, o vídeo nos mostra uma viagem fictícia e cômica rumo a um fim de mundo imprevisível.

## EZRA WUBE

Adis Abeba, Etiópia, 1980. Vive em Nova York, EUA.

**HIDIRTINA / SISTERS, 2018** — vídeo, 9'14". Sete irmãs imortais convivem harmoniosamente com os animais na floresta. Um dia, aparece em seu caminho um caçador, que mira um veado. Uma das irmãs adverte que abater o animal trará uma maldição. O caçador ignora o aviso e atira. Outra irmã, apaixonada por ele, ajuda-o, indicando uma árvore protetora, da qual ele extrai um galho-amuleto. Recolhida na comunidade imigrante de Nova York e animada em *stop motion*, a obra integra projeto do artista de compartilhar a herança cultural *habesha*.

## FEDERICO LAMAS

Buenos Aires, Argentina, 1979. Vive em Buenos Aires.

**NOO, 2019** — instalação, vídeo, 5', publicações. Para que existem zoológicos? Qual valor ainda têm para a ciência ou como entretenimento? O que fazer com os animais selvagens, de espécies ameaçadas de extinção, que vivem no cativeiro? Para falar da extrema solidão dessas instituições, o artista recolhe e interfere em imagens de animais enjaulados em um videozine e nos zines que dialogam com ele.

(ver também: performances e ações)

## GABRIELA GOLDER

Buenos Aires, Argentina, 1971. Vive em Buenos Aires.

**LABORATORIO DE INVENCION SOCIAL (O POSIBLES FORMAS DE CONSTRUCCION COLECTIVA), 2018** — videoinstalação em quatro canais (*Fábrica, 42'20"*, *Trabalhadores, 31'02"*). Experiências de trabalhadores que ocuparam fábricas e as recuperaram com autogestão ressurgem nos vídeos, que reúnem relatos dos trabalhadores e imagens de rostos, espaços ocupados e atividades. Partindo da obra, a artista realiza encontros com o público nos quais propõe ações colaborativas, como a criação de intervenções visuais e audiovisuais coletivas relacionadas à situação do trabalho na atualidade.

## GEORGES SENGA

Lubumbashi, República Democrática do Congo, 1983.

Vive em Lubumbashi.

**CETTE MAISON N'EST PAS À VENDRE ET À VENDRE, 2016** — fotografia. Duas situações envolvendo territórios urbanos compõem a série. Em Lubumbashi, na República Democrática do Congo, o fotógrafo retrata, por dentro e por fora, casas disputadas por famílias, e em cujas fachadas foram pintados os dizeres *Cette maison n'est pas à vendre* [Esta casa não está à venda]. Já na Praia Grande (SP), mostra fachadas e arredores de casas à venda. Nos dois continentes, registra memórias e afetos evocados por imóveis e cenários em disputa e transformação.

## HIWA K

Jaloula, Iraque 1975. Vive em Berlim, Alemanha.

**THIS LEMON TASTES OF APPLE, 2011** — vídeo, 12'. O artista e dois músicos tocam tema de Ennio Morricone para *Era uma vez no Oeste* (1969), de Sergio Leone, em meio ao protesto de 17 de abril de 2011, em Suleimânia, Curdistão/Iraque. Os manifestantes usam suco de limão para se desintoxicar do gás lacrimogêneo usado na repressão policial ao protesto, que deixou dez mortos e quatrocentos feridos; o aroma remete ao ataque genocida de Saddam Hussein aos curdos em 1988, com armas químicas que deixaram na memória dos sobreviventes um cheiro de maçã.

## HRAIR SARKISSIAN

Damasco, Síria, 1973. Vive em Londres, Reino Unido.

**EXECUTION SQUARES, 2008** — fotografia. A série retrata praças de execução pública em três cidades sírias: Alepo, Lataquia e Damasco. As fotos foram feitas no começo da manhã, no horário em que as execuções costumam acontecer, e revelam um frágil paradoxo entre os espaços silenciosos, pacíficos e perenes, e a turbulência das realidades políticas e sociais que os habitam.

## JIM DENOMIE

Hayward, Estados Unidos, 1955. Vive em Franconia, Estados Unidos.

**OFF THE RESERVATION (OR MINNESOTA NICE), 2012** **A** pintura. Uma imagem crua da chamada Guerra de Dakota, de 1862, conflito armado entre os Estados Unidos e os povos dakota. A tensão entre os dois lados reverbera as dificuldades impostas à visão indígena de mundo por um cenário marcado pela lógica extrativista da economia neoliberal.

**STANDING ROCK, 2016, 2018** **A** pintura. Em 2016, moradores da Reserva Indígena Standing Rock, nos Estados Unidos, protestaram contra a construção de um duto de petróleo que cortaria o rio Missouri. Seis mil pessoas acampadas na área foram reprimidas com gás lacrimogêneo, cães e canhões de água. A pintura reconstrói a cena em composição

boschiana, criando alegorias de uma situação marcada pela repressão cruel e a resistência tenaz.

## JONATHAS DE ANDRADE

Maceió, Brasil, 1982. Vive em Recife, Brasil.

**PROCURANDO JESUS, 2013** — instalação. Caminhando por Amã, na Jordânia, o artista fotografou vinte rostos que poderiam ser de Jesus, figura central do cristianismo, criando um contraponto à tradição europeia de representá-lo loiro e de olhos azuis. As fotos estão em uma tenda, onde cada visitante ganha uma tâmara e pode usar o caroço para votar no rosto que mais lhe parece Jesus. Na saída do pequeno templo, registros mostram as preferências de pessoas de Amã.

## KÖKEN ERGUN

Istambul, Turquia, 1976. Vive em Istambul.

**BINIBINING PROMISED LAND, 2010** **A** instalação composta pelos vídeos *Binibining Promised Land*, 38'; *Charlene James Dandan Talks about Beauty Pageants*, 19'; e *Marylou Sulit Muga Talks about Her Work and God*, 25'. Entre os 35 mil filipinos que moram em Israel, há um contingente enorme de mulheres que vivem de forma precária, muitas delas trabalhando como cuidadoras de idosos e doentes. Em Tel Aviv, a comunidade celebra sua cultura com o Binibining Pilipinas Israel, versão local do maior concurso de beleza do país de origem. O trabalho reúne imagens e iconografia do evento, falas de participantes sobre a vida e uma sala de estar completa.

## LUIZ DE ABREU

Araguari-MG, Brasil, 1963. Vive em Salvador, Brasil.

**INSTALAÇÃO HISTÓRICA, 1995-2009** **A** instalação histórica composta pelos vídeos *Máquina de desgastar gente*, 2006 (38'), *Samba do crioulo doido*, 2004 (54'), *Autópsia*, 1997 (29'), *História infantil*, 1995 (22'), *Black Fashion*, 2006 (24'), *Bahia*, 2009 (21') e *Travesti*, 2001 (37'). Uma retrospectiva das principais obras do ator, bailarino, performer e coreógrafo, que tem como tema-chave os estereótipos e fetiches aderidos ao corpo negro.

## MARILÁ DARDOT

Belo Horizonte, Brasil, 1973. Vive em Lisboa, Portugal.

**LIVRO DE COLORIR (BRASIL, 2015), 2018 e LIVRO DE COLORIR (BRASIL, 2017-2019), 2019** **A** desenho. Em *Livro de colorir – Retrospectiva 2015*, a artista questionava o fenômeno editorial dos livros de colorir para adultos, usando imagens de fatos impactantes publicadas em jornais brasileiros. Aqui, colore com lápis negro imagens de atentados, que ganham um caráter ambíguo, de memória e esquecimento. Mais que terapia antiestresse, colorir torna-se confronto com uma realidade chocante.

## MARTON ROBINSON

San José, Costa Rica, 1979. Vive entre San José e Los Angeles, EUA.

**NO LE DIGAS A MI MANO DERECHA LO QUE HACE LA IZQUIERDA, 2019** — vídeo, performance. Registros em vídeo e uma parede borrada são o que resta de duas ações do artista: a criação de um elaborado mural em giz branco e a performance em que usa o corpo para apagá-lo. Construir e desconstruir tornam-se movimentos contínuos, complementares, voluntários e inapagáveis.

(ver também: performances e ações)

## MOHAU MODISAKENG

Johannesburgo, África do Sul, 1986. Vive entre Johannesburgo e Cidade do Cabo, África do Sul.

**GA BOSE GANGWE, 2014** — vídeo, 2'15". Homens negros, de dorso nu e saia branca, estão deitados no chão e começam a se erguer. Antes que fiquem de pé, o movimento do vídeo se reverte e os devolve à posição inicial, e assim sucessivamente. O loop cria uma dança de tédio, expectativa, frustração e beleza. O título ecoa um provérbio tsuana: "A hiena falou: a alvorada não chega só uma vez".

## MÔNICA NADOR

Ribeirão Preto-SP, Brasil, 1955. Vive em São Paulo.

**DANDO BANDEIRA, 2019**  instalação. Rostos de mulheres fundamentais para a história latino-americana estampam bandeiras, dando visibilidade a presenças excluídas por uma gramática colonial que constrói monumentos brancos, masculinos, cisgêneros e heterossexuais. Com o Jardim Miriam Arte Clube (Jamac).

**IMAGENS DE MAKWATCHA, 2014-2019** — instalação. Makwatcha, na República Democrática do Congo, tem tradição de pinturas murais feitas por mulheres com pigmentos locais. Na 4ª Bienal de Lubumbashi, Mônica Nador propôs à comunidade um trabalho similar ao que desenvolve no Jamac, em São Paulo, focado em formação e geração de renda. A parceria foi registrada pelo fotógrafo congolês Georges Senga.

## MOVIMENTO DE LUTA NOS BAIRROS, VILAS E FAVELAS

**CONTE ISSO ÀQUELES QUE DIZEM QUE FOMOS DERROTADOS, 2018** — vídeo, 20'40". À noite, com as luzes da cidade ao longe, dezenas de pessoas saem de uma favela e ocupam um terreno de mato alto. Em silêncio, à luz de lanternas e lampiões, fincam estacas, armam barracas e erguem a bandeira do movimento. O título, que vem do poema *Conte*, do palestino Narjan Darwish, aponta para o caráter internacional da luta por território.

## NATALIA SKOBEEVA

Vladimir, Rússia, 1975. Vive entre Vladimir, Londres, Reino Unido, e Nuiewpoort, Bélgica.

**BIOGRAPHIES OF OBJECTS, 2018** — vídeo, 6'33". Desconstruindo identidades enrijecidas pelas tradições, o trabalho busca as raízes históricas da cerâmica em um percurso que atravessa Egito, Pérsia, Mesopotâmia, China, Rússia, Europa e Grã-Bretanha. A jornada é narrada de um ponto de vista inumano, que questiona a cooptação de agendas políticas identitárias por agendas políticas nacionalistas.

## NELSON MAKENGO

Kinshasa, República Democrática do Congo, 1990. Vive em Kinshasa.

**E'VILLE, 2018** — vídeo, 12'20". As ruínas de um complexo desportivo desativado guardam vestígios da luta pela independência do Congo. Nesse cenário, uma voz espectral lê carta escrita à esposa por Patrice Lumumba, principal figura da resistência contra o cruel colonizador belga: eleito primeiro-ministro, foi deposto, perseguido e assassinado por opositores apoiados pelos EUA e a Bélgica.

## NIDHAL CHAMEKH

Dahmani, Tunísia, 1985. Vive entre Túnis, Tunísia, e Paris, França.

**NEVER GIVE UP, 2017** — vídeo, 15'. Decretado o desmantelamento de um acampamento de refugiados pela prefeitura de Pas-de-Calais, França, em 2016, um grupo da comunidade, em um ato de resistência, incendeia suas moradias improvisadas antes de a maquinaria pesada chegar. Em meio ao som do vento e das chamas, e à fumaça negra, surge a frase-título da obra.

**DE QUOI RÊVENT LES MARTYS II, 2012-2013** — desenho. Nos desenhos do artista, que têm como centro a figura do mártir, sonhos sobre a vida e sonhos sobre a morte parecem misturar-se em uma única e mesma dimensão.

## NILBAR GÜREŞ

Istambul, Turquia, 1977. Vive entre Istambul e Viena, Áustria.

**TORN, 2018** — instalação, vídeo (6'). *Torn* [Arrasada] evidencia o discurso do poder social e a forma como gera comunidades periféricas, sobretudo na experiência de mulheres trans na Turquia. Didem Görkem Gecit, prostituta trans, encara a câmera em pose ao mesmo tempo vulnerável e poderosa. A cicatriz no pescoço lembra que, desprotegidas e muitas vezes extorquidas pela polícia, mulheres como ela enfrentam a ameaça da violência diariamente.

## NO MARTINS

São Paulo, Brasil, 1987. Vive em São Paulo.

**#JÁBASTA!, 2019** — pintura. Manchetes de jornal, estatísticas de violência contra a população negra no Brasil e a inscrição #Jábasta, que evoca

campanhas massivas de resistência nas redes sociais, estampam retratos de cores vibrantes, fortemente inspirados pela estética urbana. As pinturas são um grito de alerta que fala de violência e racismo de Estado no Brasil.

## PAUL ROSERO CONTRERAS

Quito, Equador, 1982. Vive em Quito.

**DARK PARADISE: HUMANS IN GALAPAGOS, 2016-2019** — instalação em dois canais (*Purple Haze, 17'35"*, *The Origin of Pink, 17'35"*). Após serem descobertos em 1535, os Galápagos permaneceram pouco habitados até 1832, quando foram anexados ao Equador. O artista investiga os primeiros assentamentos no arquipélago como um experimento social paradigmático, em um obra que cria metáforas operando no encontro de arqueologia histórica e narrativa mitológica.

## PAULO MENDEL & VITOR GRUNVALD

PAULO MENDEL — Rio de Janeiro, Brasil, 1979. Vive em São Paulo, Brasil.

VITOR GRUNVALD — Belém, Brasil, 1983. Vive em Porto Alegre, Brasil.

**DOMINGO, 2018** — vídeo, 25'30". A obra integra o Projeto Família Stronger, trabalho de investigação documental transmídia sobre o coletivo LGBTQIA+ Stronger, que foi criado na periferia paulistana e constrói formas de parentesco alternativas à concepção hegemônica, marcada pela consanguinidade, formando comunidades afetivas e políticas. A obra articula imagens e sons de uma reunião de família em forma de almoço, com imagens de uma manifestação de rua na semana da deposição da presidente Dilma Rousseff em 2016.

## ROSANA PAULINO

São Paulo, Brasil, 1967. Vive em São Paulo.

**DAS AVÓS, 2019**  videoinstalação. O vínculo entre o trabalho e a condição de mulher negra é crucial na produção da artista. Quem seriam suas ancestrais, em um país marcado pela escravidão? Nas projeções, uma jovem trava contato com imagens de mulheres negras do Brasil colônia. Paulino alinhava às personagens sua própria história, reconstruindo laços pelo resgate simbólico de memórias usurpadas. Obra comissionada pela 21ª Bienal.

## SADIK ALFRAJI

Bagdá, Iraque, 1960. Vive em Amersfoort, Países Baixos.

**I AM THE HUNTER, I AM THE PREY, 2017** — vídeo, 4'37". Comissionada para o Pavilhão do Iraque da 57ª Bienal de Veneza, a animação brinca com a dialética caça/caçador a partir de desenhos anatômicos, escolares, de mitos e contos de fadas, manuscritos islâmicos e cosmologias, sugerindo que não há caçador sem presa ou vice-versa e que, nas relações humanas, frequentemente as posições se alternam.

## TANG KWOK-HIN

Yuen Long, Hong Kong, 1983. Vive em Yuen Long.

**GRANDPA TANG, 2015** — instalação, vídeo (13'39"). O que um avô deixa para seus descendentes? Qual relação se estabelece entre os objetos e a memória daqueles que já não estão aqui? Arrumando a casa da família, o artista encontra um baú de fotos, cartas, pinturas, documentos, livros e anotações de décadas atrás. Misturando registros de festividades chinesas às relíquias do avô, cria um memorial que funcione como lugar de descanso, intervalo de pertencimento, caminho para casa.

**I CALL YOU NANCY, 2012-2017** — instalação, vídeo (7'45"). Tendo como ponto de partida a decisão de sua mãe de interromper uma gravidez, o artista cria uma irmã imaginária. Para dar vida à menina que nunca conheceu, entrelaça memórias, álbuns de fotografias e a internet. Costurando esse conjunto de reminiscências, cria o vislumbre de alguém.

## TERESA MARGOLLES

Culiacán, México, 1963. Vive na Cidade do México.

**TELA BORDADA, 2019** — vídeo, performance. Um grupo de mulheres borda um tecido utilizado em necrotérios. Cada uma delas narra sua história enquanto trabalha. O tecido, por sua vez, tem sua própria história. Remete à morte e à violência cotidiana. O bordado acrescenta uma nova camada ao tecido, integrando-se às marcas já existentes. Um registro em vídeo do processo e das narrativas, assim como o pano trabalhado pelas bordadeiras, permanecem em exposição após o fim da performance.

(ver também: performances e ações)

## THIERRY OUSSOU

Allada, Benim, 1988. Vive entre Allada e Amsterdã, Países Baixos.

**WHAT IS LEFT OF THE SUGAR CUBES?, 2019** — videoinstalação. Uma reflexão sobre memória, patrimônio e os afetos que os circundam. Partindo de depoimentos de profissionais ligados ao Museu Memorial Cemitério dos Pretos Novos e ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e tomando o açúcar como metáfora da história, o vídeo examina os apagamentos e a presença do passado no presente. Obra comissionada pela 21ª Bienal.

## TIÉCOURA N'DAOU

Mopti, Mali, 1983. Vive em Bamako, Mali.

**DJINGAREYBER, 2017** — fotografia. A série fotográfica documenta uma cerimônia tradicional que reuniu mulheres, homens, jovens, crianças e idosos na tentativa de restaurar a mesquita de Tombuctu, ocupada por terroristas em 2013. Fundado na coesão social, o ritual é um testemunho dos esforços para retomar o patrimônio e a vida cultural locais, tão ricos antes dos conflitos que marcaram a cidade no Mali.

## TOMAZ KLOTZEL

Pelotas-RS, Brasil 1979. Vive entre Pelotas e São Paulo, Brasil.

**OUSADIA, MAJESTADE!, 2018** **A** fotografia. Três imagens fotográficas registram locais de assassinatos relacionados a disputas de terra no estado do Pará. A elas, somam-se depoimentos de testemunhas nas investigações, conversas com parentes e o áudio do julgamento do mandante. A justaposição de registros traça uma cartografia vazia da presença das vítimas, mas cheia de ecos afetivos e jurídicos.

## #VOTELGBT

**VOÇOROCA, 2019** **A** instalação, ações. Vinculado aos movimentos sociais que lutam pela conquista dos direitos da população LGBT, o coletivo cria dispositivos artísticos, pedagógicos e militantes, disputando narrativas de representação através de uma percepção expandida do campo da arte. Composto pelas ações/instalações *Experimento Poupatempo LGBT+* e *Parque de diversões*, e pela *Biblioteca Claudia Celeste*, com bibliografia sobre o tema, entre outros itens, *Voçoroca* (do tupi-guarani *terra rasgada*) quer tornar o Sesc 24 de Maio uma paisagem ainda mais empática para a comunidade LGBT.

(ver também: performances e ações)

## XIMENA GARRIDO-LECCA

Lima, Peru, 1980. Vive em Lima e Cidade do México.

**LINES OF DIVERGENCE, 2018** — vídeo, 7'35". Por três anos, a artista documentou estruturas construídas com bambu e madeira no deserto dos arredores de Lima por comunidades agrícolas locais, em uma mobilização espontânea de reivindicação de terra iniciada na década de 1950. O vídeo documenta o processo atual de ocupação de terra em Pucusana, com linhas que demarcam novos terrenos em lotes já registrados.

# COLEÇÕES

## JOIAS AFRICANAS

### ACERVO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA USP

Selecionado a partir da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), o conjunto reúne joalherias de três povos da África ocidental que deixaram marcas indeléveis na cultura brasileira: iorubanas da Nigéria, ashanti de Gana, e da cultura fon do atual Benim. Objetos de prestígio, proteção ou poder, as joias da África conectam sensibilidades através de uma compreensão tácita do intercâmbio entre a finalidade prática do ornamento, o rigor exato da crença mágico-protetora e a noção de imersão, pelo olhar do outro, na totalidade do cosmos social. A coleção foi adquirida para a Universidade no início dos anos 1970 pelo assiriologista Marianno Carneiro da Cunha, com a assistência do então diretor do MAE-USP, o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, do então embaixador do Senegal, o poeta João Cabral de Melo Neto, e do etnólogo francês Pierre Verger, entre outros intelectuais da época. Parte das peças não era exibida desde os anos 1980, e a maioria está sendo apresentada pela primeira vez na 21ª Bienal.

## O SNOB

1963-1969

### COLEÇÃO ARQUIVO EDGARD LEUENROTH (UNICAMP)

Jornal LGBTQI+ de produção caseira, *O Snob* foi idealizado e realizado pelo pernambucano Agildo Guimarães, no Rio de Janeiro, entre 1963 e 1969. Mimeografado em papel A4, trazia notícias sobre os integrantes de uma rede de sociabilidade gay baseada no Rio, que chegou a reunir mais de 350 pessoas e a estabelecer trocas com grupos de outros estados brasileiros. Em uma centena de edições, publicadas semanalmente, o jornal veiculou debates sobre identidades sexuais e de gênero, e fofocas e notícias dos integrantes da rede, ilustrados por desenhos que evocam revistas de moda e femininas da época. Também comentava a produção de teatro, cinema e poesia do período e cobria as festas temáticas organizadas pelo grupo. A seleção de capas apresentada na exposição reflete o pioneirismo do jornal e suas transformações ao longo de quase seis anos de existência.

# PROGRAMAS DE VÍDEO

PROGRAMA 1 — 79'

## AYKAN SAFOĞLU

Istambul, Turquia, 1984. Vive entre Istambul e Berlim, Alemanha.

**OFF-WHITE TULIPS, 2013 — 23'47"**. Com imagens de arquivo e registros de objetos, a obra cria uma conversa imaginária entre o artista e o escritor americano James Baldwin, que viveu em Istambul entre os anos 1961 e 71. Mobilizando ainda ícones populares turcos e americanos da época, a obra explora as dimensões políticas do racismo e da tolerância, a partir da identidade de negro gay de Baldwin.

## ALBERTO GUARANI

Aldeia Porto Lindo-MS, Brasil, 1983. Vive em Tanguá-RJ, Brasil.

**GUARDIÕES DA MEMÓRIA, 2018 — 55'**. Retrato etnográfico tomado por um olhar intimista e solidário, a obra percorre cinco aldeias guarani do estado do Rio de Janeiro para mostrar como suas lideranças e membros mais velhos usam rezas, narrativas e rituais religiosos para fazer circular conhecimento e memória por gerações.

PROGRAMA 2 — 72'

## GEORGE DRIVAS

Atenas, Grécia, 1969. Vive em Atenas.

**LABORATORY OF DILEMMAS, 2018 — 13'**. O resultado inesperado de um experimento científico mobiliza homens e mulheres: ao tentar criar células imunes ao vírus da hepatite, eles geraram uma célula nova, de função desconhecida. Sob a tecnicidade, esconde-se o dilema: acolher o estrangeiro e arriscar romper a ordem conhecida, ou eliminá-lo e perder seu benefício? Baseado na tragédia *As suplicantes*, de Ésquilo.

## AHMAD GHOSSEIN

Beirute, Líbano, 1981. Vive em Beirute.

**AL MARHALA AL RABIAA (THE FOURTH STAGE), 2015 — 37'**. A obra entrelaça elementos do cinema, da magia e da paisagem mutável do sul do Líbano, investigando o desaparecimento de um mágico e ventríloquo famoso, a quem o artista ajudou quando criança. Em paralelo, vemos surgir monumentos geométricos futurísticos que perfuram o tecido rural e urbano. A composição relaciona o universo mágico infantil e os sistemas ideológicos e religiosos fabulados pelo Estado nacional.

## JULIA MENSCH

Buenos Aires, Argentina, 1980. Vive entre Buenos Aires e Berlim, Alemanha.

**LA VIDA EN ROJO, 2016-2018 — 21'50".** Como se projetasse fotos de viagem, a artista percorre as memórias de três gerações de sua família, marcada pela militância no partido comunista argentino. A voz em off contextualiza a casa de seus avós, a viagem do avô pelo bloco soviético nos anos 1970, cartas e fotografias. Mais que uma história da esquerda argentina no século 20, cria-se um ensaio sobre o lugar da utopia diante dos fatos e o convívio afetivo entre as pessoas.

### PROGRAMA 3 — 84'

## MEGAN-LEIGH HEILIG

Nelspruit, África do Sul, 1993. Vive em Gent, Bélgica.

**THE POLITICS OF CHOICE AND THE POSSIBILITY OF LEAVING, 2018 — 15'.** A artista documenta os dias que precederam duas viagens: a sua, da África do Sul para a Bélgica, onde iria viver; e a da namorada que, depois de anos vivendo na África do Sul, teria de voltar a seu país de origem, a Namíbia, onde a homossexualidade é criminalizada. A complexidade das fronteiras, percursos e identidades conduz esse diário lírico de uma partida, que tem o tom de uma conversa íntima entre namoradas.

## MAYA SHURBAJI

Damasco, Síria, 1979. Vive em Berlim, Alemanha.

**WA AKHIRAN MUSIBA, 2017 — 15'49".** Recortes aparentemente desconexos vão montando uma narrativa pessoal. Entre cenas urbanas, ângulos inusitados de espaços interiores, filmes caseiros de infância, corpos fora de foco, guerras, interlocutores desaparecidos e conversas por aplicativos, um trauma insinua-se. Ainda que o título do ensaio poético possa ser traduzido como *Enfim, uma tragédia*, o trágico é, aqui, menos um dado que uma sombra.

## NOE MARTÍNEZ

Morelia, México, 1986. Vive na Cidade do México.

**INTERRUPCIÓN DEL SUEÑO, 2018 — 24'12".** A comunidade purépecha de Cherán, no estado mexicano de Michoacán, conquistou sua autonomia em 2011, depois de expulsar do território traficantes e partidos políticos. A peça narra a mudança dos doze *keris* que compõem seu Conselho Maior do Governo Comunal, em meio a máscaras, música e rituais, revelando uma nova dimensão simbólica da representação política dos movimentos sociais indígenas do México.

## ELLIE KYUNGRAN HEO

Seul, Coreia do Sul, 1976. Vive em Londres, Reino Unido.

**ISLAND, 2015 — 29'.** Localizada no extremo meridional da costa da Coreia do Sul, uma pequena ilha, cuja costa pode ser percorrida em uma hora, recebe multidões de turistas por poucas horas para, em seguida, mergulhar em longos períodos de silêncio. O vídeo observa o cotidiano dos poucos moradores, registrando suas angústias e reflexões sobre temas universais da condição humana.

### PROGRAMA 4 — 95'

## RONEY FREITAS & ISRAEL MAXAKALI

São Paulo, Brasil, 1983. Vive em São Paulo.

Santa Helena de Minas-MG, Brasil, 1978. Vive em Ladainha-MG, Brasil.

**GRIN, 2016 — 41'.** Um cineasta maxakali resgata memórias da formação da Guarda Rural Indígena (Grin) pela ditadura militar brasileira e de violências sofridas por parentes seus. A obra foi realizada ao longo de dois meses de pesquisa de campo em diferentes municípios e localidades de Minas Gerais.

## OMAR MISMAR

Beirute, Líbano, 1986. Vive em Beirute.

**SCHMITT, YOU AND ME, 2016-2017 — 54'.** Depois de fazer amizade com o dono e o gerente de uma loja de armas em Skowhegan, Maine (Estados Unidos), o artista pede que leiam, em voz alta, em um campo de tiro, trechos de *O conceito do político*, de Carl Schmitt, pensador do direito e próximo do regime nazista. Ouvindo o texto sobre violência e poder, o espectador apercebe-se das armadilhas contidas nas ideias de Schmitt e sua reverberação no presente.

### PROGRAMA 5 — 88'

## THANH HOANG

Lam Dong, Vietnã, 1984. Vive na Cidade de Ho Chi Minh, Vietnã.

**NIKKI'S HERE, 2018 — 88'.** Misto de documentário e ficção, o vídeo acompanha uma massagista tântrica que vive em Nova York. Seu trabalho é proporcionar aos clientes êxtase, relaxamento e momentos em que eles se veem livres de suas responsabilidades sociais. Fora do trabalho, ela leva uma vida comum com o marido americano. Quando o animal de estimação do casal adoecer, eles reavaliam sua vida.

## SEMANA DE ABERTURA

### 10.10, quinta

#### Teatro, 1º subsolo

16h — PGM 1

18h — PGM 2

sessões com os artistas

### 11.10, sexta

#### Teatro, 1º subsolo

14h — PGM 3

16h — PGM 4

18h — PGM 5

sessões com os artistas

### 12.10, sábado

#### Auditório, 6º andar

13h30 — PGM 3

15h — PGM 4

16h30 — PGM 5

reprises

### 11.10, sexta

#### Auditório, 6º andar

14h — PGM 1

16h — PGM 2

reprises

## PROGRAMAÇÃO SEMANAL

### 13.10.2019 a 2.2.2020. Auditório, 6º andar

#### terças

13h30 — PGM 1

15h — PGM 2

16h30 — PGM 3

18h — PGM 4

19h30 — PGM 5

#### quartas

13h30 — PGM 2

15h — PGM 3

16h30 — PGM 4

18h — PGM 5

19h30 — PGM 1

#### quintas

13h30 — PGM 3

15h — PGM 4

16h30 — PGM 5

18h — PGM 1

19h30 — PGM 2

#### sextas

13h30 — PGM 4

15h — PGM 5

16h30 — PGM 1

18h — PGM 2

19h30 — PGM 3

#### sábados

13h30 — PGM 5

15h — PGM 1

16h30 — PGM 2

18h — PGM 3

19h30 — PGM 4

#### domingos

e feriados

10h30 — PGM 5

12h — PGM 1

13h30 — PGM 2

15h — PGM 3

16h30 — PGM 4

ATENÇÃO: não haverá sessões nos dias 15, 16 e 17.10, e 14.11

# PERFORMANCES E AÇÕES

## #VOTELGBT

VOÇOROCA, 2019 — EXPERIMENTO POUPEMPO LGBT+ — Ao longo de toda a 21ª Bienal, um guichê de atendimento à população trans oferecerá serviços de retificação de nome, confecção e impressão de currículo e apoio a vítimas de violência.

**10 e 11.10, das 13h às 21h;**

**12 e 13.10, das 14h às 18h. Térreo**

(verificar outras datas e horários na unidade ou no site da 21ª Bienal)

## FEDERICO LAMAS

Buenos Aires, Argentina, 1979. Vive em Buenos Aires.

NOO, 2019 — Nesta ação de ativação da obra homônima, que trata do papel dos zoológicos hoje, o artista convida o público a produzir zines em três encontros. As publicações independentes propõem uma reflexão sobre cópia, distinção, acessibilidade e legitimação da arte.

**9.10, quarta, 19h; 10.10, quinta, e 11.10, sexta, 16h.**

**Exposição, 5º andar**

12

## MARTON ROBINSON

San José, Costa Rica, 1979. Vive entre San José e Los Angeles, EUA.

NO LE DIGAS A MI MANO DERECHA LO QUE HACE LA IZQUIERDA, 2019 — aprox. 90'. A performance consiste no apagamento de um desenho mural, com elementos da cultura de ascendência africana, feito com giz pelo artista em uma parede negra. Usando o próprio corpo como apagador, ele se esfrega na parede até a exaustão. Os registros da realização do desenho e de sua destruição na performance passam a integrar a obra.

**9.10, quarta, 19h. Exposição, 5º andar**

## EMO DE MEDEIROS

Paris, França, 1979. Vive entre Cotonou, Benim, e Paris.

DIGITAL SOUL, 2019 — aprox. 90'. O artista cria um misto de culto e festa, misturando sons e imagens de uma diversidade de culturas e tempos do Sul global: ritmos tradicionais e tecnológicos, sons sintéticos e acústicos. O público é convidado a se mover entre xales brancos que brilham na luz negra, enquanto uma câmera captura imagens.

**9.10, quarta, 21h30. Varanda, 3º andar**

## TERESA MARGOLLES

Culiacán, México, 1963. Vive na Cidade do México.

**TELA BORDADA, 2019** — Um grupo de mulheres borda, com linhas coloridas, um tecido usado em necrotérios. Enquanto trabalham, elas narram suas histórias. Juntas, produzem um objeto carregado de sentido, que põe em destaque o trabalho manual e coletivo, aqui executado sobre traços materiais da violência.

**9.10, quarta, 19h. Exposição, 5º andar**

## CHAMECKILERNER

Rosane Chamecki, Curitiba, Brasil, 1964. Andrea Lerner, Curitiba, Brasil, 1966. Vivem em Nova York, EUA.

**#RESISTA, 2018** — Na performance, que se relaciona à instalação sonora homônima apresentada pelo duo na exposição, as artistas ensinam o público a mover o assoalho pélvico como fosse um lápis e estivessem escrevendo a palavra “RESISTA” com ele. Em seguida, comandam uma marcha pela rampa do Sesc 24 de Maio.

**10.10, quinta, 19h30; 11.10, sexta, 17h30. 3º andar**

## #VOTELGBT

**VOÇOROCA, 2019** — PARQUE DE DIVERSÕES — Um processo de formação política desenvolvido através de jogos que relacionam gênero e identidade LGBTQI+ às leis que regem os corpos no espaço público, sejam oficiais ou apenas fixadas por tradições.

**10.10, quinta, e 11.10, sexta, 15h.**

**Convivência, 3º andar**

(a ação se repete em outras datas. verificar na unidade ou no site da 21ª Bienal)

## MOHAU MODISAKENG

Johannesburgo, África do Sul, 1986. Vive entre Johannesburgo e Cidade do Cabo, África do Sul.

**THE LAST HARVEST, 2019** — aprox. 40'. Com referência em fotografias feitas por Marc Ferrez em 1882, a ação alude às tensões entre o escravizado, ansioso por se libertar, e o escravizador, que tenta impedi-lo. É produto da extensa pesquisa do artista sobre a escravidão instituída em diversas sociedades ao redor do mundo, e sobre a exploração do corpo negro na formação das economias modernas, em especial. Aqui, o performer Aphiwe Livi, colaborador assíduo de Modisakeng, toma o seu lugar.

**10.10, quinta, 20h30. Teatro, 1º subsolo**

## #VOTELGBT

VOÇOROCA, 2019 — AULA ABERTA NO LARGO DO AROUCHE — Expandindo as ações do coletivo para além do espaço físico da 21ª Bienal Sesc\_Videobrasil, a aula aberta leva conceitos como tecnologias sociais e resistência ao público que frequenta o largo, sobretudo travestis e transexuais. Espaço histórico da comunidade LGBTQI+ no centro de São Paulo, o Arouche vive um processo de gentrificação, com empreendimentos e obras com potencial para remodelar seus lugares de encontro e convivência.

**12.10, sábado, 14h. Largo do Arouche**

## #VOTELGBT

VOÇOROCA, 2019 — BAILE DAS GAYROTAS — Desde o final do século 19, drag queens e kings têm elevado à máxima potência questões de performance e de expressão de gênero na sociedade. Disponibilizando acessórios como plumas, perucas, glitter, bigodes e chapéus, a ação cria uma espécie de microfone aberto para quem quiser se montar na hora e dublar uma música. Para as integrantes do Baile das Gayrotas, todas e todos podem ser drag, independentemente de quem for.

**19.10, sábado, 19h. Varanda, 3º andar**

# PROGRAMAS PÚBLICOS

Enquanto o conjunto das obras apresentadas pela 21ª Bienal funciona como um disparador de enunciados – de natureza estética, mas também ética – que fornecem outras lentes para enxergar o complexo mundo contemporâneo, os Programas Públicos têm por função explorar e ampliar o campo de discussão proposto pela curadoria desta edição. Reúnem, além dos artistas participantes, uma multiplicidade de vozes, provenientes de diferentes campos do conhecimento, que convocam o público a uma troca horizontal.

A programação propõe formatos diversos de experiência, incluindo duas modalidades de encontros que aproximam artistas, curadores e público em torno das obras em exposição e das ideias relacionadas a elas: os encontros Poéticas do Sul, que acontecem nos primeiros dias da Bienal; e as visitas mediadas pelo percurso do espaço expositivo, conduzidas por diferentes olhares, que se estendem até o fim do evento.

A importância de sentir o pulso do presente e de pensar o futuro à luz das urgências do nosso tempo – ideias centrais à 21ª Bienal – também dá o tom aos Seminários, que reúnem vozes como a escritora e ativista Lucy Lippard, os filósofos Peter Pál Pelbart e Vladimir Safatle, as psicanalistas Maria Rita Kehl e Suely Rolnik, o líder e intelectual chuar Ampam Karakras, o cineasta indígena Kamikia Kisédjê, a artista Rosana Paulino e os curadores Lisette Lagnado e Paulo Herkenhoff, entre outros participantes. Os doze encontros colocam em debate a relação entre ativismo, imprensa e arte nas produções da comunidade LGBT, os limites e as promessas da arte política e os feminismos contemporâneos em uma perspectiva descolonial, entre outros temas, e serão a base de uma das publicações da 21ª Bienal.

# POÉTICAS DO SUL: ENCONTROS COM ARTISTAS

Nesses encontros, mediados pelos curadores do evento, os temas desta edição ressurgem na voz dos próprios artistas, aproximando o público das reflexões que norteiam a produção contemporânea do Sul.

Auditório, 6º andar

**GEORGE DRIVAS, CLARA IANNI,  
MARILÁ DARDOT E AHMAD GHOSSEIN**

**mediação: MIGUEL LÓPEZ**

10.10, quinta, 11h

**HRAIR SARKISSIAN, EMO DE MEDEIROS,  
GABRIELA GOLDER, ANA CARVALHO,  
PATRÍCIA PARA YXAPY E ARIEL KUARAY ORTEGA**

**mediação: LUISA DUARTE**

11.10, sexta, 11h

**ROSANA PAULINO, MÔNICA NADOR,  
AIANO BEMFICA, CAMILA BASTOS,  
CRIS ARAÚJO E PEDRO MAIA DE BRITO (MLB)**

**mediação: GABRIEL BOGOSSIAN**

12.10, sábado, 11h

# APRESENTAÇÃO DOS PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA

Representantes do Instituto Sacatar (Ilha de Itaparica, Bahia), Sharjah Art Foundation (Sharjah, Emirados Árabes Unidos) e MMCA Residence (Seul, Coreia do Sul), parceiros da 21ª Bienal nos prêmios de residência artística, apresentam seus programas.

10.10, quinta, 14h. Auditório, 6º andar

## VISITAS MEDIADAS

Abertas ao público, contam com a presença de artistas participantes e dos curadores convidados Thais Rivitti e Guilherme Teixeira. São ocasiões para o contato com a voz do artista, que discorre sobre seu trabalho, e para lançar um olhar sobre os caminhos trilhados pela exposição.

Exposição, 5º andar

**MARILIA LOUREIRO E #VOTELGBT**

6.11, quarta, 16h

**GABRIEL BOGOSSIAN E MÔNICA NADOR**

27.11, quarta, 16h

**THAIS RIVITTI E ROSANA PAULINO**

18.12, quarta, 16h

**GUILHERME TEIXEIRA E  
PAULO MENDEL & VITOR GRUNVALD**

15.1, quarta, 16h

**LUISA DUARTE E NO MARTINS**

29.1, quarta, 16h

# SEMINÁRIOS

Reunindo vozes sensíveis aos impasses da contemporaneidade, vindas de campos, frentes de ação e vivências diversos, os Seminários exploram temas como a invenção de uma nova imaginação política, as particularidades do tempo que surge depois do advento da vida virtual, os feminismos atuais desde uma perspectiva descolonial e as reverberações da produção simbólica dos povos indígenas e movimentos sociais.

Eixo central dos Programas Públicos da 21ª Bienal, seus encontros têm como ambição gerar oportunidades para produzir formas inauditas de pensar o porvir, em torno e para além das obras reunidas no espaço expositivo, e com margem para a discussão e o dissenso.

Os Seminários acontecem no Teatro (1º subsolo) e no Auditório (6º andar), em duas etapas, com três tardes consecutivas cada uma, a primeira entre os dias 15 e 17 de outubro e a segunda de 12 a 15 de novembro. Todas as sessões contarão com tradução simultânea em Libras, para garantir acesso amplo às falas e aos debates.

Até o encerramento da 21ª Bienal, em fevereiro de 2020, as falas preparadas por convidados dos Seminários serão editadas na publicação Leituras, que compõe, com o catálogo de obras e artistas, a plataforma editorial da 21ª Bienal.

**IMAGINAR EM TEMPOS DE  
COLONIZAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES**  
debatedores: Clarissa Diniz e Suely Rolnik  
mediação: Juliana Braga  
**15.10, terça, 15h. Auditório, 6º andar**



**CLARISSA DINIZ** — Curadora e professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Foi editora da revista *Tatui*, de crítica de arte (2006-2015), curadora convidada do Centre for Curatorial Leadership do MoMA (2014) e cocuradora de exposições como *Museu do Homem do Nordeste* (MAR, 2014) e *À Nordeste* (Sesc 24 de Maio, 2019).

**SUELY ROLNIK** — Psicanalista, crítica, curadora e professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisa o campo da arte contemporânea e as políticas de subjetivação em contextos diversos. É autora de livros como *Transformações contemporâneas do desejo* (Estação Liberdade, 1989) e, com Félix Guattari, *Micropolítica. Cartografias do desejo* (Vozes, 1986).

**JULIANA BRAGA** — É historiadora especializada em museologia e mestre em gestão e políticas públicas. Gerente do Departamento de Artes Visuais e Tecnologia do Sesc São Paulo, instituição na qual atua desde 2000, coordena e orienta o programa de artes visuais das unidades da rede no estado de São Paulo.

**A (NÃO) ELABORAÇÃO  
DO PASSADO E SUAS CONSEQUÊNCIAS  
NO BRASIL ATUAL**  
debatedores: Maria Rita Kehl e Rosana Paulino  
mediação: Luisa Duarte  
**15.10, terça, 17h30. Auditório, 6º andar**



**MARIA RITA KEHL** — Psicanalista, jornalista e escritora. Colaboradora de veículos de oposição durante a ditadura, pesquisou violações dos direitos de camponeses e populações indígenas no período na Comissão Nacional da Verdade (2012-14). Autora de livros como *Bovarismo brasileiro* (Boitempo, 2018), atende em clínicas abertas em São Paulo.

**ROSANA PAULINO** — Artista visual, pesquisadora e educadora. Investiga questões sociais, étnicas e de gênero, com foco principal na posição da mulher negra na sociedade brasileira. Sua obra é objeto da retrospectiva *A costura da memória* (Pinacoteca de São Paulo, 2018). Criou uma das obras comissionadas pela 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc\_Videobrasil.

**LUIZA DUARTE** — Crítica de arte, curadora e professora. Integrou o conselho consultivo do MAM São Paulo (2009-2012). Organizou, com Adriano Pedrosa, *ABC – Arte brasileira contemporânea* (Cosac Naify, 2014). Suas curadorias incluem *Quarta-feira de cinzas* (Escola de Artes Visuais do Parque Lage, 2015) e *Tunga – O rigor da distração* (MAR, 2018), ambas no Rio de Janeiro.

**COMO VIVER JUNTO?  
ATUALIZANDO A PERGUNTA**  
debatedores: Peter Pál Pelbart e Lisette Lagnado  
mediação: Ana Paula Cohen  
16.10, quarta, 15h. Auditório, 6º andar



**PETER PÁL PELBART** — Professor titular de filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é autor de livros como *Ensaio do assombro* (2019) e tradutor para o português da obra de Gilles Deleuze. É coeditor da n-1 edições, coordena a Companhia Teatral Ueinzz, formada por pacientes psiquiátricos do hospital-dia A Casa.

**LISETTE LAGNADO** — Crítica e curadora independente. Foi curadora da 27ª Bienal de São Paulo – *Como viver junto* (2006) e do 33º Panorama da Arte Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo (2013). Dirigiu a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, entre 2014 e 2017, e integra a equipe curatorial da 11ª Bienal de Berlim (2020).

**ANA PAULA COHEN** — É curadora independente e escritora. Foi cocuradora da 28ª Bienal de São Paulo (2008) e curadora de exposições recentes no Tel Aviv Museum (Israel) e no Banff Centre for the Arts (Canadá). Criou e coordena a pós-graduação em estudos e práticas curatoriais da Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo.

**A FAVOR DE UMA  
NOVA IMAGINAÇÃO POLÍTICA**  
debatedores: Vladimir Safatle e Márcio  
Seligmann-Silva  
mediação: Luisa Duarte  
16.10, quarta, 17h30. Auditório, 6º andar



**VLADIMIR SAFATLE** — Professor livre-docente de filosofia da Universidade de São Paulo, pesquisa campos como epistemologia da psicanálise e da psicologia, e filosofia da música. Autor de *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (Cosac Naify, 2015), coordena o Laboratório de Pesquisa em Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da FFLCH USP.

**MÁRCIO SELIGMANN-SILVA** — Professor de teoria literária na Universidade Estadual de Campinas, pesquisa temas como o romantismo alemão, teoria das mídias, teoria estética dos séculos 18 a 20 e a obra de Walter Benjamin. É autor de *Ler o livro do mundo* (Iluminuras/Fapesp, 1999), premiado pela Biblioteca Nacional, e *O local da diferença* (Editora 34, 2005), Jabuti de crítica literária.

**LUISA DUARTE** — Veja p. 28

## ARTE E PEDAGOGIA: PRÁTICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS NO PRESENTE

debatedores: Marisa Flório e Pablo Lafuente

mediação: Gabriel Bogossian

17.10, quinta, 15h. Auditório, 6º andar

A

MARISA FLÓRIDO — Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tem formação em arquitetura e urbanismo e doutorado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisa em história da arte, crítica da arte e curadoria. É autora de *Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira* (Circuito, 2014).

PABLO LAFUENTE — Curador e escritor, foi cocurador da 31ª Bienal de São Paulo (2014). É autor de *Experiences of the Common Good: inSite/Casa Gallina, a Project Immersed in a Neighbourhood* (México e San Diego: inSite/Casa Gallina, 2018). Coordena o programa de arte e educação do CCBB e é um dos curadores da exposição *Sawé: Liderança Indígena e a Luta pelo Território* (Sesc Ipiranga, 2020).

GABRIEL BOGOSSIAN — Curador independente, editor e tradutor, desenvolve pesquisa sobre a representação dos povos indígenas no Brasil. Realizou exposições como *Nada levarei quando morrer, aqueles que me devem cobrarei no inferno* (Galpão VB, 2017) e *Akram Zaatari – Amanhã vai ficar tudo bem* (Galpão VB, 2016), todas em São Paulo. É curador-adjunto da Associação Cultural Videobrasil.

## O TEMPO DEPOIS DO ADVENTO DA VIDA VIRTUAL

debatedores: Guilherme Wisnik  
e Laymert Garcia dos Santos

mediação: Luisa Duarte

17.10, quinta, 17h30. Auditório, 6º andar

A

GUILHERME WISNIK — Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, foi curador-geral da 10ª Bienal de Arquitetura de São Paulo (2013). É autor de *Infinito vão: 90 anos de arquitetura brasileira* (Casa da Arquitectura de Portugal, 2018, com Fernando Serapião) e *Dentro do nevoeiro: arte, arquitetura e tecnologia contemporâneas* (Ubu, 2018).

LAYMERT GARCIA DOS SANTOS — Professor titular do departamento de sociologia da Unicamp, coordena o Laboratório de Cultura e Tecnologia em Rede do Instituto Século 21, São Paulo. Publicou, entre outros, *Amazônia transcultural* (Edições n-1, 2016) e *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética* (Editora 34, 2003).

LUISA DUARTE — Veja p. 28

# OS LIMITES E AS PROMESSAS DA ARTE POLÍTICA

debatedores: Lucy Lippard e Aracy Amaral  
mediação: Miguel Angel López  
12.11, terça, 15h. Teatro, 1º subsolo



LUCY LIPPARD — Escritora, ativista e curadora, pesquisa ativismos na arte, feminismo, arqueologia e uso da terra. É autora de livros como *Undermining: A Wild Ride through Land Use, Politics and Art in the Changing West* (2014) e *Mixed Blessings: New Art in a Multicultural America* (1990).

Premiada com a Guggenheim Fellowship, vive no Novo México, Estados Unidos.

ARACY AMARAL — Historiadora, crítica, curadora. Foi professora titular de história da arte da FAU USP, diretora da Pinacoteca de São Paulo (1975-1979) e do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1982-1986), e coordenadora geral do Projeto Rumos, do Itaú Cultural (2005-2006).

MIGUEL A. LÓPEZ — Escritor, pesquisador e curador, investiga dinâmicas colaborativas e rearticulações feministas da arte e da cultura. Codiretor do espaço de arte TEOR/ética, em San José, Costa Rica, foi curador de exposições como *The Words of Others: León Ferrari and Rhetoric in Times of War* (REDCAT, Los Angeles, e Perez Art Museum, Miami, 2017-2018), e da seção Deus é bicha da 31ª Bienal de São Paulo (2014).

# A PRODUÇÃO SIMBÓLICA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

debatedores: Mariana Cavalcanti, Carla Caffé  
e representante da Ocupação 9 de Julho  
mediação: Marília Loureiro  
12.11, terça, 17h30. Teatro, 1º subsolo



MARIANA CAVALCANTI — Professora-adjunta do Departamento de Estudos Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisa cidades. Coordenadora do Grupo Casa, de estudos sobre moradia e cidade, codirigiu o documentário *Favela fabril* (2012) e coeditou a coletânea *Occupy All Streets: Olympic urbanism and contested futures in Rio de Janeiro* (Terreform, 2016).

CARLA CAFFÉ — Trabalha com cinema, arte, ilustração e design gráfico. Professora de desenho da Escola da Cidade, São Paulo, é autora do livro *Era o hotel Cambridge – arquitetura, cinema e educação* (Edições Sesc, 2017) e do livro de artista *A(e)rea Paulista* (Galeria Vermelho, 2011).

Como diretora de arte, trabalhou em filmes como *Central do Brasil* (1998).

MARILIA LOUREIRO — Curadora da Casa do Povo, em São Paulo, desde 2017, trabalhou no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Masp e na 33ª Bienal de São Paulo (2018), e colaborou com espaços de arte independentes como Lugar a Dudas (Cali, Colômbia), Capacete (Rio de Janeiro) e Ateliê397 e Pivô (São Paulo).

**IMPRENSA, ATIVISMO E ARTE:  
PRODUÇÕES LGBTQI+ ONTEM E HOJE**  
debatedores: João Silvério Trevisan,  
Vitor Grunwald & Paulo Mendel e Elvis Stronger  
mediação: Gabriel Bogossian  
13.11, quarta, 15h. Teatro, 1º subsolo

A

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN — Escritor e ativista, fundou o primeiro grupo de identidade homossexual (Somos) e o primeiro jornal voltado à comunidade gay do país, *Lampião da Esquina*, nos anos 1970. Seu estudo *Devassos no paraíso (A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)* foi republicado em 2018. Lançou, em 2017, sua primeira obra autobiográfica, *Pai, pai* (Alfaguara).

PAULO MENDEL — Cineasta, pesquisa as interfaces entre arte e vídeo, e videoarte e documentário. Seus trabalhos foram vistos em mostras como a Quadrienal de Praga e integram as coleções do Circuito Videodanza Mercosur e do Centre de vidéo-danse de Bourgogne.

VITOR GRUNVALD — Artista visual, cineasta e professor. Pesquisa a apropriação de metodologias e práticas artísticas no fazer antropológico. Integra o Grupo de Antropologia Visual e o Núcleo de Antropologia, Performance e Drama do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP.

ELVIS STRONGER — Ativista por direitos humanos, integra o coletivo família Stronger e o Conselho Municipal LGBT de São Paulo. Relacionados a questões LGBTQI+ e ao empoderamento de jovens negros periféricos, seus projetos incluem a Parada LGBT de Cidade Tiradentes e o Cine-diversidade no Centro Cultural do Grajaú, São Paulo (2013).

GABRIEL BOGOSSIAN — Veja p. 30

**FEMINISMOS CONTEMPORÂNEOS  
SOB UMA PERSPECTIVA DESCOLONIAL**  
debatedores: Amara Moira e Juliana Borges  
mediação: Diane Lima  
13.11, quarta, 17h30. Teatro, 1º subsolo

A

AMARA MOIRA — Doutora pela Universidade Estadual de Campinas, é travesti, feminista e militante pelos direitos de LGBTQI+ e prostitutas. Integra a Associação Mulheres Guerreiras, o Grupo Identidade e o Coletivo TransTornar. É autora de *E se eu fosse puta* (hoo editora, 2016) e colunista da Mídia Ninja.

JULIANA BORGES — Pesquisadora em antropologia, foi secretária-adjunta de políticas para as mulheres da prefeitura de São Paulo (2013) e articuladora da Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas. É colunista do site Justificando e autora de *O que é encarceramento em massa?* (Letramento, 2018).

DIANE LIMA — Curadora independente, pesquisadora e diretora criativa. Suas práticas discutem violências simbólicas, as éticas e estéticas da resistência e a descolonização dos afetos e instituições. O programa de conscientização racial *A.Gentes* e a exposição *Diálogos ausentes* (São Paulo, 2016), ambos do Itaú Cultural, são projetos recentes.

**MEMÓRIA E POLÍTICA**  
**NOS ACERVOS LATINO-AMERICANOS**  
**debatedores: Paulo Herkenhoff e Nydia Gutierrez**  
**mediação: Fernanda D'Agostino**  
**14.11, quinta, 15h. Auditório, 6º andar**

**A**

**PAULO HERKENHOFF** — Curador, autor, crítico e historiador da arte. Foi diretor cultural do Museu de Arte do Rio (MAR, 2012-2016); curador-geral da 24ª Bienal de São Paulo (1998); curador do pavilhão brasileiro da 47ª Bienal de Veneza (1997); curador-adjunto do departamento de pintura e escultura do Museu de Arte Moderna de Nova York (1999-2002); e consultor da documentação IX, Kassel, Alemanha (1991).

**NYDIA GUTIERREZ** — Museóloga, curadora independente, autora e arquiteta. Professora da Universidade Nacional de Bogotá, foi curadora-chefe do Museu de Antioquia (2012-2019). Foi curadora e conselheira museológica do 12º Encontro de Jovens Artistas com a FIA-Caracas (2010), entre outros.

**FERNANDA D'AGOSTINO** — Coordenadora do núcleo de acervo museológico da Pinacoteca de São Paulo, foi assistente curatorial da 28ª Bienal de São Paulo (2008) e supervisora do projeto de reorganização dos sistemas de armazenamento, organização, acesso e divulgação dos acervos da Pinacoteca (2011-2012).

**RESISTÊNCIA E IMAGEM NA**  
**PRODUÇÃO DO MUNDO INDÍGENA**  
**debatedores: Mario A. Caro e Ampam Karakras**  
**mediação: Kamikia Kisêdjê**  
**14.11, quinta, 17h30. Auditório, 6º andar**

**A**

**MARIO A. CARO** — Pesquisador, curador independente e crítico de arte contemporânea. Professor no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, pesquisa história e teoria das artes indígenas contemporâneas, além de trabalhar com várias comunidades na promoção de intercâmbio cultural global.

**AMPAM KARAKRAS** — Ativista shuar com ampla atuação nos movimentos de resistência indígena no Equador, fundou e presidiu a Federación Interprovincial de Centros Shuar, em 2018. No mesmo ano, publicou *Miguel Tankamash y la lucha Shuar* (Artes Gráficas Silva). Vivendo na floresta amazônica, entre Peru e Equador, os shuaras resistiram ao conquistador espanhol.

**KAMIKIA KISÊDJÊ** — Fotógrafo, cinegrafista e editor formado pela ONG Vídeo nas Aldeias, trabalha para as associações indígenas Kisêdjê e Terra Indígena do Xingu, além de ministrar oficinas de formação audiovisual pelo país e de manter um canal web sobre o movimento nacional indígena.

# EDUCATIVO

Com curadoria de Vera Barros, o programa de ação educativa da 21ª Bienal Sesc\_Videobrasil propõe conversas e exercícios que convidam o público a experimentar as obras da exposição como instrumentos poéticos e críticos para interpretar o mundo.

## VISITAS EDUCATIVAS PARA GRUPOS

Atendimento para instituições da área da saúde, educação e assistência social, mediante disponibilidade e agendamento. Informações pelo email: [agendamento@24demaio.sescsp.org.br](mailto:agendamento@24demaio.sescsp.org.br).

## VISITAS PROGRAMADAS

Aos sábados, domingos e feriados, às 10h, 14h e 16h.

Ponto de encontro: entrada da exposição, próximo às rampas.

## ACESSIBILIDADE

Esta exposição dispõe de recursos de audiodescrição, videoguia em Libras com legendas, recursos táteis, pranchas de comunicação alternativa e impressão dos textos em dupla leitura (português ampliado e braille). Há textos traduzidos para os idiomas espanhol, francês e inglês. Informe aos educadores caso tenha interesse em utilizar algum desses recursos.

# PESQUISA E CONSULTA

Em um espaço dedicado ao encontro, à criação e ao diálogo e aberto a todos os públicos, a 21ª Bienal oferece uma série de mecanismos de pesquisa e consulta, que permitem acessar informações relacionadas às obras da exposição, artistas participantes e programas públicos, além do acervo histórico da Bienal.

Educativo, 6º andar

## PLATAFORMA

Ferramenta on-line de pesquisa e curadoria que permite acessar entrevistas dos artistas participantes, além de conteúdos que ajudam a aprofundar sua compreensão.

## VIDEOTECA

Permite acessar o arquivo histórico da Bienal e assistir a obras que participaram e foram premiadas em edições anteriores.

## CANAL VB

Espaço de ativação da memória da Bienal, reúne vídeos e documentos sonoros sobre o circuito Sul nos últimos 35 anos.

## BIBLIOTECA

Oferece uma seleção com publicações das edições anteriores da Bienal, obras relacionadas aos temas da exposição, como culturas indígenas, e livros de artistas participantes.

# AGENDA

**9.10, quarta**

19h

Exposição, 5º andar

**ABERTURA  
21ª BIENAL**

ação

**NOO**  
FEDERICO LAMAS

performance

**NO LE DIGAS A  
MI MANO DERECHA  
LO QUE HACE  
LA IZQUIERDA**  
MARTON ROBINSON

performance

**TELA BORDADA**  
TERESA MARGOLLES

21h30

Varanda, 3º andar

performance

**DIGITAL SOUL**  
EMO DE MEDEIROS

**10.10, quinta**

11h

Auditório, 6º andar

Poéticas do Sul:

encontros com artistas  
GEORGE DRIVAS, CLARA IANNI,  
MARILÁ DARDOT, AHMAD  
GHOSSEIN, MIGUEL LÓPEZ

14h

Auditório, 6º andar

encontros

APRESENTAÇÃO DOS  
PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA  
ARTÍSTICA (INSTITUTO SACATAR,  
SHARJAH ART FOUNDATION  
E MMCA RESIDENCY)

15h

Convivência, 3º andar

ação

**VOÇOROCA — PARQUE  
DE DIVERSÕES**  
#VOTELGBT

16h

Exposição, 5º andar

ação

**NOO**  
FEDERICO LAMAS

## Teatro, 1º subsolo

PROGRAMA DE VÍDEO 1  
com a presença dos artistas  
ALBERTO GUARANI,  
AYKAN SAFOĞLU

18h

## Teatro, 1º subsolo

PROGRAMA DE VÍDEO 2  
com a presença dos artistas  
AHMAD GHOSSEIN,  
GEORGE DRIVAS

19h30

## Convivência, 3º andar

performance

**#RESISTA**  
CHAMECKILERNER

20h30

## Teatro, 1º subsolo

performance

**THE LAST HARVEST**  
MOHAU MODISAKENG

# 11.10, sexta

11h

## Auditório, 6º andar

Poéticas do Sul:

encontros com artistas  
HRAIR SARKISSIAN,  
EMO DE MEDEIROS, GABRIELA  
GOLDER, ANA CARVALHO,  
PATRÍCIA PARA YXAPY,  
ARIEL KUARAY ORTEGA,  
LUISA DUARTE

14h

## Teatro, 1º subsolo

PROGRAMA DE VÍDEO 3  
com a presença dos artistas  
ELLIE KYUNGRAN HEO,  
MEGAN-LEIGH HEILIG,  
NOE MARTÍNEZ

## Auditório, 6º andar

PROGRAMA DE VÍDEO 1  
reprise

15h

## Convivência, 3º andar

ação

**VOÇOROCA — PARQUE  
DE DIVERSÕES**  
#VOTELGBT

16h

## Exposição, 5º andar

ação

**NOO**  
FEDERICO LAMAS

## Teatro, 1º subsolo

PROGRAMA DE VÍDEO 4  
com a presença dos artistas  
OMAR MISMAR, RONEY FREITAS,  
ISRAEL MAXAKALI

## Auditório, 6º andar

PROGRAMA DE VÍDEO 2  
reprise

17h30

3º andar

performance

**#RESISTA**

CHAMECKILERNER

18h

Teatro, 1º subsolo

PROGRAMA DE VÍDEO 5

com a presença da artista

THANH HOANG

**12.10, sábado**

11h

Auditório, 6º andar

Poéticas do Sul:

encontros com artistas

ROSANA PAULINO,

MÔNICA NADOR, AIANO

BEMFICA, CAMILA BASTOS,

CRIS ARAÚJO, PEDRO MAIA

DE BRITO (MLB),

GABRIEL BOGOSSIAN

13h30

Auditório, 6º andar

PROGRAMA DE VÍDEO 3

reprise

14h

Largo do Arouche

ação

**VOÇOROCA — AULA**

**ABERTA NO LARGO**

**DO AROUCHE**

**#VOTELGBT**

15h

Auditório, 6º andar

PROGRAMA DE VÍDEO 4

reprise

16h30

Auditório, 6º andar

PROGRAMA DE VÍDEO 5

reprise

18h

Teatro, 1º subsolo

**CERIMÔNIA**

**DE PREMIAÇÃO**

**15.10, terça**

15h

Auditório, 6º andar

seminário

**IMAGINAR EM TEMPOS**

**DE COLONIZAÇÃO DAS**

**SUBJETIVIDADES**

CLARISSA DINIZ, SUELY ROLNIK,

JULIANA BRAGA

17h30

Auditório, 6º andar

seminário

**A (NÃO) ELABORAÇÃO**

**DO PASSADO E SUAS**

**CONSEQUÊNCIAS NO**

**BRASIL ATUAL**

MARIA RITA KEHL, ROSANA

PAULINO, LUISA DUARTE

## 16.10, quarta

15h

Auditório, 6º andar

seminário

### COMO VIVER JUNTO? ATUALIZANDO A PERGUNTA

PETER PÁL PELBART, LISETTE  
LAGNADO, ANA PAULA COHEN

17h30

Auditório, 6º andar

seminário

### A FAVOR DE UMA NOVA IMAGINAÇÃO POLÍTICA

VLADIMIR SAFATLE,  
MÁRCIO SELIGMANN-SILVA,  
LUIZA DUARTE

## 17.10, quinta

15h

Auditório, 6º andar

seminário

### ARTE E PEDAGOGIA: PRÁTICAS CONTRA- -HEGEMÔNICAS NO PRESENTE

MARISA FLÓRIDO,  
PABLO LAFUENTE, GABRIEL  
BOGOSSIAN

17h30

Auditório, 6º andar

seminário

### O TEMPO DEPOIS DO ADVENTO DA VIDA VIRTUAL

GUILHERME WISNIK,  
LAYMERT GARCIA DOS SANTOS,  
LUIZA DUARTE

## 19.10, sábado

19h

Varanda, 3º andar

ação

### VOÇOROCA — BAILE DAS GAYROTAS

#VOTELGBT

## 6.11, quarta

16h

Exposição, 5º andar

visita mediada

MARILIA LOUREIRO,  
#VOTELGBT

## 12.11, terça

15h

Teatro, 1º subsolo

seminário

### OS LIMITES E AS PROMESSAS DA ARTE POLÍTICA

LUCY LIPPARD, ARACY AMARAL,  
MIGUEL ANGEL LÓPEZ

17h30

Teatro, 1º subsolo

seminário

### A PRODUÇÃO SIMBÓLICA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

MARIANA CAVALCANTI,  
CARLA CAFFÉ,  
REPRESENTANTE DA  
OCUPAÇÃO 9 DE JULHO,  
MARILIA LOUREIRO

## 13.11, quarta

15h

Teatro, 1º subsolo

seminário

### IMPRENSA, ATIVISMO E ARTE: PRODUÇÕES LGBTQI+ ONTEM E HOJE

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN,  
VITOR GRUNWALD & PAULO  
MENDEL, ELVIS STRONGER,  
GABRIEL BOGOSSIAN

17h30

Teatro, 1º subsolo

seminário

### FEMINISMOS CONTEMPORÂNEOS SOB UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

AMARA MOIRA, JULIANA  
BORGES, DIANE LIMA

## 14.11, quinta

15h

Auditório, 6º andar

seminário

### MEMÓRIA E POLÍTICA NOS ACERVOS LATINO-AMERICANOS

PAULO HERKENHOFF,  
NYDIA GUTIERREZ, FERNANDA  
D'AGOSTINO

17h30

Auditório, 6º andar

seminário

### RESISTÊNCIA E IMAGEM NA PRODUÇÃO DO MUNDO INDÍGENA

MARIO A. CARO, AMPAM  
KARAKRAS, KAMIKIA KISÊDJÊ

## 27.11, quarta

16h

### Exposição, 5º andar

visita mediada  
GABRIEL BOGOSSIAN,  
MÔNICA NADOR

## 18.12, quarta

16h

### Exposição, 5º andar

visita mediada  
THAIS RIVITTI,  
ROSANA PAULINO

## 15.1, quarta

16h

### Exposição, 5º andar

visita mediada  
GUILHERME TEIXEIRA, PAULO  
MENDEL & VITOR GRUNVALD

## 29.1, quarta

16h

### Exposição, 5º andar

visita mediada  
LUIZA DUARTE, NO MARTINS

O coletivo #VOTELGBT realiza ainda a ação VOÇOROCA — EXPERIMENTO POUPETEMPO LGBT+ (térreo; ver p. 21), e sessões adicionais de PARQUE DE DIVERSÕES (3º andar; verifique os horários na unidade ou no site da 21ª Bienal).

A programação completa da 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc\_Videobrasil está em [bienalsescvideobrasil.org.br](http://bienalsescvideobrasil.org.br)

Todas as atividades são gratuitas. Para informações sobre ingressos, consulte a unidade ou o site da 21ª Bienal.

21ª BIENAL DE ARTE  
CONTEMPORÂNEA  
SESC\_VIDEBRASIL

---

direção e curadoria

direção artística  
SOLANGE O. FARKAS

curadores  
GABRIEL BOGOSSIAN,  
LUIZA DUARTE,  
MIGUEL A. LÓPEZ

comitê de seleção  
ALEJANDRA MUÑOZ,  
JULIANA GONTIJO,  
RAPHAEL FONSECA

assistente de curadoria  
CLARISSA XIMENES

---

pesquisa e acervo

coordenação  
RUY LUDUVICE

pesquisadores  
JULIANA COSTA, REGIS  
ALVES, VIVIANE TABACH

consultor joias africanas  
RENATO ARAÚJO

editor da plataforma  
GUILHERME TEIXEIRA

tecnologia  
FABIO KAWANO

---

produção

produção executiva  
CAROL RIBAS

coordenação de produção  
CASSIA ROSSINI

coordenação da exposição  
MARCOS FARINHA

relações internacionais  
DANIEL ESCOREL

produtoras  
TATI FARIAS, LARISSA  
ALVES, MÁRCIA VAZ,  
MIGUEL SALVATORE,  
THAIS FREIRE

assistente de produção  
CAROLINA MENEGATTI

logística  
MÔNICA OLIVEIRA

assistente  
RAQUEL SUELY

consultores técnicos  
MIT ARTE  
MARCOS SANTOS

produtor técnico  
ANDERSON ARAÚJO

---

expografia

projeto expositivo  
ANDRÉ VAINER  
ARQUITETOS | TIAGO  
WRIGHT, FERNANDA  
JOZSEF, MAYTÉ COELHO

iluminação  
FERNANDA CARVALHO

assistentes  
CRISTINA SOUTO,  
LUANA ALVES

elétrica, estrutura e segurança  
JARRETA PROJETOS |  
MURILO JARRETA

climatização  
HYPOCAUSTUM |  
BRUNO FEDELI

---

direção de arte e sinalização

identidade visual  
e projeto gráfico  
CELSO LONGO +  
DANIEL TRENCH

assistente  
CATERINA BLOISE

---

editorial

coordenação  
TETÉ MARTINHO

assistente  
RAFAEL FALASCO

tradutores  
ALEXANDRE BARBOSA DE  
SOUZA, ANTHONY DOYLE,  
ANTHONY CLEAVER

revisão  
REGINA STOCKLEN,  
PAULO FUTAGAWA

---

ação educativa

curadoria  
VERA BARROS

coordenação  
CARLOS NEGRINI

---

comunicação

coordenação  
GABRIELA LONGMAN

assistente  
ARTUR HIROYUKI ABE

mídias sociais  
MARCOS VISNADI

produção de mídia  
ISOLDA LIBÓRIO

design  
JULIA CONTREIRAS  
LILA BOTTER

desenvolvimento web  
CARLSOM A. SOARES

assessoria de imprensa  
A4&HOLOFOTE  
COMUNICAÇÃO

registro fotográfico  
EVERTON BALLARDIN,  
PEDRO NAPOLITANO  
PRATA

registro em vídeo  
MARCO DEL FIOI  
MÃO DIREITA

locução  
HABACUQUE LIMA  
TRAMPOLIM ESTÚDIO  
CHARLY COOMBES  
HURSO AMBRIFI

---

administração

coordenação financeira  
VAN FRESNOT

assistente  
DIVY CRISTINA

auxiliar  
ALINE NASCIMENTO

assessoria jurídica  
OLIVIERI ASSOCIADOS

---

parceiros de residência

INSTITUTO SACATAR  
(SALVADOR, BRASIL)  
MMCA RESIDENCY  
CHANGDONG  
(SEUL, COREIA)  
SHARJAH ART  
FOUNDATION (SHARJAH,  
EMIRADOS ÁRABES)

---

agradecimentos

A Bienal agradece às  
seguintes instituições  
e pessoas

ARQUIVO EDGARD  
LEUENROTH, UNICAMP  
COLETIVIDADE HELENICA  
DE SÃO PAULO  
COMUNIDADE DOS  
PAÍSES DE LINGUA  
PORTUGUESA (CPLP)  
INTERNATIONAL BIENNIAL  
ASSOCIATION  
INSTITUTO PIPA  
INSTITUTO SACATAR

INSTITUTO  
SOCIOAMBIENTAL  
(ISA)  
MINISTÉRIO DAS  
RELAÇÕES  
EXTERIORES DO  
BRASIL  
MINNESOTA HISTORICAL  
SOCIETY  
MMCA RESIDENCY  
CHANGDONG  
MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
E ETNOLOGIA DA USP  
MUSEU MEMORIAL  
DOS PRETOS NOVOS  
MUSEU NACIONAL – UFRJ  
SHARJAH ART  
FOUNDATION

ALEX MOR  
ALEX SANDRO DOS  
SANTOS  
ALIA FATTOUH  
ÁLVARO PIQUET  
ANA CAROLINA DELGADO  
VIEIRA  
ANA MARIA DE LA MERCED  
GONZALEZ GRAÑA  
GUIMARÃES DOS  
ANJOS  
ANA PAULA BENTES  
ANDRÉ ABU-MERHY  
ANNA CANTANHÉDE  
ANNA RUTH YATES  
ANTÔNIO CARLOS  
RODRIGUES  
ANTONIO CARVALHO  
ANTÔNIO ILHARCO  
AUGUSTO ALBUQUERQUE  
AYRSON HERÁCLITO  
BRIAN SZOTT  
CAMILA SANTOS  
CARLA GIBERTON  
CARNEIRO  
ÇELENK BAFRA  
CLÉMENCE GABANT  
CRISTINA AMARAL  
CRISTINA BECKER  
CYBELE GALVÃO  
DANIEL TONACCI  
DONG HYUN LEE  
ELIF AKINCI  
ELOISA EJARQUE  
FABIANO DA SILVA LEMOS  
FARIBA DERAKHSHANI  
FRANCISCA (MAE)

FREDERICO BERTANI  
GABRIELLA CONTOLI  
GABRIELLA TAGLIACOSSO  
GALA BERGER  
GISELA MOTTA  
HECTOR SANZ CASTANO  
HEEJUNG PARK  
HOOR AL QASIMI  
HUMBERTO CELESTE  
INNARELLI  
ÍCARO LIRA  
IRENE VIDA GALA  
JOCELINO DA SILVEIRA  
JOSÉ SEZENANDO  
JOZENILTON SEZENANDO  
LOUREIRO  
JUDITH GREER  
JULIAN FUCHS  
JULIANE GOMES  
LOUIS LOGODIN  
LUCIANA BEDESCHI  
MARCOS GALLON  
MARIA THEREZA ALVES  
MARIO CARO  
MERONG SANTOS PATAXÓ  
MICHAEL SOMMERS  
MUGE CUBUKCU  
NICOLE DELFINO JANSEN  
PABLO LEON DE LA BARRA  
PAULA RIBEIRO  
PEDRO BARBOSA  
PEDRO FARKAS  
PERRINE WARME-  
JANVILLE  
POTY PORÁ TURIBA  
CARLOS  
RAFAELLE GONZALEZ  
GRAÑA GUIMARÃES  
DOS ANJOS  
RAQUEL RODRIGUES  
ROGERIO COSTA  
SANDRA APARECIDA  
PEREIRA  
SELMA FERIANI  
SILVIA MODENA  
SILVIA REIS  
STELIOS HOURMOUZIAS  
SUJONG SONG  
TAYLOR VAN HORNE  
TELMA BALIELLO  
VIVIAN OSTROVSKY  
YARA CASTANHEIRA  
YASMINE BELHASSEN  
YOUNG SANG KWON

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
VIDEOBRASIL**

**pesquisador coordenador  
RUY LUDUVICE**

---

**conselho consultivo**

**arquivista  
JULIANA COSTA**

**BENJAMIN SEROUSSI,  
CECILIA RIBEIRO, FABIO  
CYPRIANO, LISETTE  
LAGNADO, PATRICIA  
ROUSSEAU, ROSÂNGELA  
RENNÓ, TATA AMARAL,  
THEREZA FARKAS,  
VIVIAN OSTROVSKY**

**tecnologia  
EDUARDO HADDAD  
FABIO KAWANO**

**coordenação  
de comunicação  
GABRIELA LONGMAN**

---

**conselho diretor**

**design  
JULIA CONTREIRAS**

**diretora-presidente  
SOLANGE O. FARKAS**

**mídias sociais  
MARCOS VISNADI**

**diretor financeiro  
PEDRO FARKAS**

**assistente administrativa  
DIVY CRISTINA**

**coordenação  
de programação  
THEREZA FARKAS**

**auxiliar administrativa  
ALINE NASCIMENTO**

---

**conselho fiscal  
MARIA FARKAS**

---

**Rua Jaguaré Mirim, 210  
Vila Leopoldina  
05311-020  
São Paulo SP Brasil  
Tel. (55 11) 3645 0516**

---

**equipe**

**direção geral e curadoria  
SOLANGE O. FARKAS**

**FB/ACVideobrasil  
TW/videoobrasil  
INSTA/videoobrasil  
FLICKR/videoobrasil  
YOUTUBE/VideobrasilVB  
videobrasil.org.br**

**curador adjunto  
GABRIEL BOGOSSIAN**

**relações internacionais  
DANIEL ESCOREL**

**#BienalSecVideobrasil  
#21Bienal  
#ComunidadesImaginadas  
#SulGlobal**

**assistente de curadoria  
CLARISSA XIMENES**

**produção executiva  
VAN FRESNOT**

**coordenação de produção  
CAROL RIBAS**

**assistente de produção  
CAROLINA MENEGATTI**

<b>SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO</b>	<b>centro de produção audiovisual SILVANA MORALES NUNES</b>	<b>LEONARDO DE ASSIS AZEVEDO LEONARDO BORGES LIGIA ZAMARO LUCIANO BUENO QUIRINO MALU MAIA MARCELO CORREA MARCIO DONISETTE LOPES MARINA BURITY MAURO MARÇAL NATHALIA CANDIDO NILVA LUZ OCTÁVIO WEBER PAULO JOSÉ RIBEIRO RODRIGO SOUZA SAMANTA SADOIAMA SAMARA EIRAS DOS SANTOS SANDRA KARAOGLAN SIMONE WICCA SUAMIT BARREIRO SUELLEN BARBOSA THAÍS DIAS THIAGO FREIRE TIAGO EFIGÊNIO TINA CASSIE VANESSA DE SOUZA WALTER BERTOTTI DE SOUZA</b>
<b>administração regional no estado de São Paulo</b>	<b>Sesc Digital GILBERTO PASCOAL</b>	
<b>presidente do conselho regional ABRAM SZAJMAN diretor do departamento regional DANILO SANTOS DE MIRANDA</b>	<b>contratações e logística ADRIANA MATHIAS</b>	
<b>superintendentes</b>	<b>patrimônio e serviços NELSON SOARES DA FONSECA</b>	
<b>técnico-social JOEL NAIMAYER PADULA</b>	<b>assessoria de relações internacionais AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA</b>	
<b>comunicação social IVAN GIANNINI</b>	<b>assessoria jurídica CARLA BERTUCCI BARBIERI</b>	
<b>administração LUIZ DEOCLÉCIO MASSARO GALINA</b>	<b>Sesc 24 de Maio PAULO CASALE</b>	
<b>assessoria técnica e de planejamento SÉRGIO JOSÉ BATTISTELLI</b>	<b>equipe Sesc ADRIANA IERVOLINO ADRIANE DA SILVA RIBEIRO ADRIANO ALVES PINTO ADRIANO TED DE SOUZA ALBERTO SILVA CERRI ALEXANDRE DE OLIVEIRA CAROLINA BARMELL CRISTINA PAPA CRISTINA TOBIAS DIOGO DE MORAES EDUARDO BIANCO FABIO LUIZ VASCONCELOS FERNANDO FIALHO FERNANDO TUACEK FLAVIA FÁVARI GABRIELA XABAY HELOISA PISANI ISABELLA BELLINGER ILONA HERTEL JOANA ROCHA EÇA DE QUEIROZ JOSÉ ARTUR AMARO JULIANA OKUDA CAMPANELI KARINA MUSUMECI LARISSA TODOROV</b>	
<hr/> <b>gerentes</b>		
<b>artes visuais e tecnologia JULIANA BRAGA DE MATTOS</b>		
<b>estudos e desenvolvimento MARTA RAQUEL COLABONE</b>		
<b>educação para sustentabilidade e cidadania DENISE BAENA</b>		
<b>artes gráficas HÉLCIO MAGALHÃES</b>		
<b>difusão e promoção MARCOS RIBEIRO DE CARVALHO</b>		

## PARCEIROS DE PREMIAÇÃO



## APOIO CULTURAL



## REALIZAÇÃO





21ª BIENAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA SESC\_VIDEOBRASIL

9.10.2019 — 2.2.2020

visitação

terça a sábado, das 9h às 21h

domingos e feriados, das 9h às 18h

14

SESC 24 DE MAIO

Rua 24 de Maio, 109

◆ República ou Anhangabaú

(11) 3350-6300

  /sesc24demaio

[sescsp.org.br/24demaio](http://sescsp.org.br/24demaio)